



Título: O que é Sustentabilidade?

Gustavo: Você já deve ter ouvido muito falar sobre ela.

Gustavo: Mas você sabe exatamente o que a palavra sustentabilidade significa? De onde veio essa ideia? Como a gente aplica ela hoje?

Wagner: sustentabilidade é uma daquelas palavras que ultimamente todo mundo está usando. É uma palavra que dá credibilidade, que vende uma boa imagem e é uma etiqueta. Mas poucos, é, param para pensar no que realmente essa palavra significa.

Gustavo: Esse é o doutor Wagner Gervazio, pesquisador de pós-doutorado na Faculdade de Engenharia Agrícola da Unicamp. Ele vai nos ajudar durante esse episódio.

Wagner: Então, a gente escuta essa palavra geralmente em propaganda, em reuniões, em discursos políticos, na universidade e em vários espaços que a gente convive. Mas será que essa palavra está sendo usada realmente com o peso e com o significado que ela merece?

Gustavo: Será? Vamos descobrir!

VINHETA

Gustavo: Olá ouvintes do Prato de Ciência, tudo bem com vocês? Meu nome é Gustavo Torres e hoje o nosso Arroz com Feijão vai falar sobre a sustentabilidade. Uma palavra que lemos e ouvimos por aí a todo tempo. Mas será que tudo que a gente vê ou ouve é realmente sustentável? Para isso, hoje teremos a ajuda do pesquisador Wagner Gervazio. Mas primeiro, Wagner, pode se apresentar por favor.

Wagner: Eu sou engenheiro agrônomo, com mestrado em biodiversidade e agroecossistemas amazônicos. Realizei a graduação e o mestrado na Universidade do Estado de Mato Grosso, a UNEMAT, em Alta Floresta, no bioma amazônico. Sou filho de agricultores familiares, no caso, hoje aposentados. Fui nascido e criado na zona rural de Alta Floresta. E o meu doutorado eu realizei

aqui na Unicamp, na Faculdade de Engenharia Agrícola, com a professora Sônia Bergamasco e nós trabalhamos em dois assentamentos rurais na Amazônia Matogrossense e avaliamos a sustentabilidade desses assentamentos através de uma metodologia que eu chamei de círculo da sustentabilidade.

Gustavo: Bom, agora que está devidamente apresentado, responde pra gente: afinal o que é sustentabilidade?

Wagner: Eu publiquei um livro recentemente, se chama A Dialética da Sustentabilidade, onde eu trabalho com a questão do conceito, da história da sustentabilidade e trago no final do livro alguns caminhos que a gente gostaria que se concretizasse, que são o bem-viver e a agroecologia. É fruto da minha tese de doutorado, defendida em 2019 na Faculdade de Engenharia Agrícola e recentemente então publicado pela Editora Dialética. Então, aí eu mostro que a sustentabilidade, ela é mais do que preservar o meio ambiente. Ela envolve uma forma de viver, uma forma de produzir e uma forma de se relacionar com a terra e com as pessoas, com os seres humanos. Eu acredito, que a sustentabilidade, ela é um processo histórico, porque ela vai se construindo ao longo da história, cheio de contradições e que precisa ser entendido de uma forma mais crítica, uma vez que, como eu disse, ela está sendo utilizada por diversos organismos, instituições, pessoas e etc. Então, para mim, sustentabilidade é manter as condições que sustentam a vida, mas não só a vida humana, como a vida não humana, respeitando, tendo equilíbrio e tendo justiça. E isso inclui cuidar da terra, ou como diria o Papa Francisco, cuidar da casa comum. Então, cuidar também de combater as desigualdades sociais, repensar o nosso modelo de produção e o nosso modelo de consumo e a nossa ideia também de desenvolvimento. Então, resumindo, sustentabilidade é manter as condições de vida na casa comum no planeta Terra

Gustavo: E de onde surge esse termo Wagner? E como ele foi evoluindo ao longo da história?

Wagner: Então, esse termo surgiu lá no século XVI, na Alemanha. Os silvicultores, que eram aqueles agricultores que trabalhavam com a madeira, eles começaram a se preocupar com o uso racional das florestas, uma vez que as florestas, na época, era uma questão econômica de sobrevivência desses silvicultores, dessas pessoas na Alemanha. E aí eles pensaram: Se nós continuarmos cortando madeira da mesma forma como a gente sempre cortou, um dia vai acabar a

madeira, logo a gente vai ficar sem renda, sem recursos financeiros para sobreviver. Porém, o conceito ele foi ganhando o corpo com o tempo e ele então passou da floresta, das atividades florestais para o campo da ecologia e depois para o debate político, uma vez que a partir dos anos 60, 70, a ONU ela realiza várias conferências e um relatório que começa a ser utilizado então o tal do desenvolvimento sustentável e aí o uso da palavra sustentabilidade explodiu. Então o problema é que o termo sustentabilidade foi copiado, virou etiqueta de marketing, como a gente vê, tudo hoje é sustentável, desde a batata frita em embalagens recicláveis até aviões movidos a biocombustível. E no livro, que eu lancei recentemente, eu mostro então como que esse termo, ele foi se tornando contraditório, porque ora ele avança, a sustentabilidade avança, ora ela recua. Isso vai depender também de quem está governando a região, o país, enfim. E é por isso então que eu falo sobre a dialética da sustentabilidade. Devido a esse processo de ora ela avança, ora ela recua e a questão das contradições também por trás do uso da palavra de forma indevida da sustentabilidade. Então, ela foi evoluindo ao longo do tempo e foi sendo cooptada também, a palavra, foi sendo cooptada pelos interesses econômicos, né, do sistema que a gente vive.

Gustavo: E hoje, o que nós temos de exemplos práticos quando falamos de sustentabilidade na produção de alimentos na agricultura?

Wagner: Olha, nós temos vários exemplos. Muitos deles vêm do do que nós chamamos de agroecologia. A agroecologia, ela é uma ciência que aborda a a questão do conhecimento científico, do conhecimento popular, das práticas agrícolas e dos movimentos sociais. Como exemplo, vou te dar alguns alguns deles, como as agroflorestas, os sistemas agroflorestais, onde você planta árvores juntos com culturas agrícolas. Então você mescla, você coloca árvores junto com a produção agrícola e aí você tem diversas é diversas vantagens com relação a isso. O uso também de sementes criollas, que são aquelas sementes que são passadas de geração em geração para as famílias agricultoras. São sementes que são melhoradas pelos agricultores através de um processo de seleção natural. O manejo do solo através de adubação verde, como o uso de leguminosas, como, por exemplo, feijão guandu, feijão de porco. Essas plantas fixam o nitrogênio do solo e acabam adubando o solo de forma gratuita. Ah, as feiras agroecológicas também, que aproximam então, produtores de, dos consumidores e algumas práticas que elas respeitam o meio-ambiente, mas também elas valorizam a cultura local das comunidades, elas promovem autonomia dessas famílias e elas também fortalecem os laços comunitários. Lá da região onde eu

venho, do Portal da Amazônia, é, onde eu desenvolvi a minha pesquisa, eu vi várias dessas práticas, desses exemplos acontecendo de forma concreta, práticas agroecológicas, agricultores e agricultoras reinventando o jeito de produzir, de viver, de resistir. Porque quando a gente fala em portal da Amazônia em Mato Grosso, a gente só pensa na grande produção, mas também existem diversas experiências, não só no Mato Grosso, mas no Brasil inteiro, no mundo inteiro, que trabalham com essas práticas agroecológicas, com essas práticas sustentáveis.

Gustavo: E dentre essas experiências, você citou no começo da nossa conversa o “bem viver”, ou *buen vivir*, em espanhol, como um caminho para que a sustentabilidade se concretize. O que esse termo significa exatamente?

Wagner: Quando a gente fala, então, em bem viver, ele é um conceito muito interessante, muito, digamos assim, poderoso, que vem dos povos originários da América Latina, especialmente do Equador e da Bolívia. Esse conceito, ele propõe, então, uma forma de viver, de nós humanos vivermos, uma vida baseada no equilíbrio entre os seres humanos e a comunidade e a natureza, até porque a gente perdeu essa relação, esse processo de coevolução com a natureza. Então, a ideia é viver baseado no equilíbrio com a natureza, com a comunidade. Não é sobre ter mais, é, em termos de consumo, é sobreviver melhor com respeito, com cuidado e com alegria. Aliás, segundo Leonardo Boff, que é um escritor, um teólogo, ele diz que a essência do ser humano é o cuidado. A gente tem que resgatar esse princípio ético, moral, que é o cuidado para que a gente possa viver, então, de uma forma mais equilibrada com a natureza e com as pessoas. Então, na lógica do bem-viver, a Terra, ela não é um recurso a ser explorado, mas a Terra é um ser, é um organismo vivo com quem a gente convive, coevolui. Isso então rompe com aquela ideia capitalista de desenvolvimento que só pensa em crescer, crescer, crescer. Eh, mesmo que isso destrua a natureza, destrua tudo que existe ao redor. Então, citando novamente o Papa Francisco, a Terra é a nossa casa comum e tudo está interligado. Todos os seres vivos, toda a vida na Terra está interligada. E aí, no meu livro, eu mostro como que o bem-viver, ele aparece como uma das sínteses possíveis pra gente resolver essa dialética, essas contradições da sustentabilidade. Então, eu acredito que o bem-viver é um caminho para que a gente possa superar as contradições e construir algo novo e construir, então, a agroecologia pra gente viver em um planeta mais sustentável.

MÚSICA DE TRANSIÇÃO

Gustavo: Falamos do que é e não é sustentabilidade, exemplos práticos, mas como é que se mede a sustentabilidade hoje Wagner? Os indicadores que nós temos são suficientes para essa análise?

Wagner: Sinceramente, eu acredito que não. Por quê? Eles até ajudam a avaliar a sustentabilidade de um projeto, de uma região, etc. Mas eles esses indicadores, eles são limitados, porque muitas vezes eles levam em consideração mais a questão econômica do outros aspectos. Então, a maioria desses indicadores, desses modelos, eh utiliza apenas a técnica, que geralmente são indicadores que a gente chama de indicadores frios. E esses indicadores não dão conta, então, da complexidade que é a realidade dos territórios, das culturas, da história local das pessoas. Em comunidades rurais, por exemplo, você não pode medir a sustentabilidade só com relação ao número é da de produtividade ou de área reflorestada. Você precisa é construir indicadores além desses indicadores econômicos.

No meu doutorado e depois agora no meu livro, eu propus um método para avaliar a sustentabilidade de dois assentamentos rurais que leva em conta a realidade desses assentamentos na Amazônia, que é um modelo mais participativo, mais didático que, de fato, ouve os sujeitos nos territórios, nos assentamentos, nas comunidades e que valoriza também os saberes empíricos, os saberes locais, os saberes das pessoas. Porque sustentabilidade tem que fazer sentido para quem vive no território, para quem vive no campo, para quem vive na na localidade. Não só para quem tá no escritório, não só para quem tá na universidade, tem que fazer sentido para quem tá vivendo de fato, é, nas comunidades rurais, na nas aldeias, nos territórios e etc.

Gustavo: E dentro desse caminho onde tudo está interligado, para a gente avaliar a sustentabilidade não tem como não falar de uma participação coletiva, não é?

Wagner: é fundamental a participação coletiva na avaliação da sustentabilidade. Não dá para a gente fazer uma avaliação da sustentabilidade de um projeto, de uma comunidade, de um território de cima para baixo, em um processo de comunicação vertical. É necessário envolver a comunidade, envolver as pessoas, os sujeitos que vivem nos territórios. Tem que ouvir os saberes locais, respeitar os saberes locais, as comunidades e os povos tradicionais, os povos indígenas, os



agricultores familiares, as mulheres, os jovens. Quando a comunidade participa a avaliação, então, da sustentabilidade daquele local, deixa de ser um diagnóstico frio, um diagnóstico apenas, né, que é realizado para você coletar números, mas vira um processo de aprendizagem, de empoderamento daqueles sujeitos, daquela comunidade, quando você então trabalha de forma participativa. E aí, voltando lá na minha tese de doutorado, eu desenvolvi uma metodologia que eu chamei de círculo da sustentabilidade, onde eu realizei um método participativo com as pessoas para elas avaliarem a sustentabilidade e o bem-viver das suas próprias práticas. E aí eles discutiram, eles propunham mudanças e etc. Então, a sustentabilidade nesse sentido, ela é um processo que vai sendo construído de forma coletiva, cotidianamente, com diálogo, com escuta, através de troca e de conhecimento, com respeito para chegar então em uma sociedade do bem viver e na construção de práticas sustentáveis como a agroecológica.

VINHETA

Gustavo: Esse foi mais um Arroz com Feijão em um formato diferente. Gostou? Deixa nos comentários das nossas redes sociais, ou no episódio no Spotify. O livro do Wagner, A dialética da sustentabilidade, foi lançado no final do último mês de maio e, se você se interessou, vamos deixar o link na descrição do episódio.

O Prato de Ciência é um programa da Faculdade de Engenharia de Alimentos da Unicamp, coordenado pelo professor Eric Tobaruela e apoio administrativo da Laís Glaser. A produção, locução são minhas, Gustavo Torres. Eu também realizei a entrevista para esse episódio. A edição de áudio é da Elida Antunes. A edição e revisão do roteiro são da Ana Augusta Xavier e da Mariana Ribeiro. A gente agradece o doutor Wagner Gervazio pela participação e nos vemos no próximo episódio. Até lá!

Episódios relacionados:

[#61 - Arroz com feijão - Feijão no campo e no prato: Um caminho de soberania alimentar para o Brasil](#)

[#15 - Arroz com feijão - PANC: Plantas Alimentícias Não-Convencionais](#)

[#10 - Arroz com feijão - O papel da agricultura familiar](#)



Prato de Ciência - Arroz com feijão

O que é sustentabilidade?

Wagner Gervazio



Link do livro “A dialética da sustentabilidade”, de autoria de Wagner Gervazio:

<https://loja.editoradialetica.com/saude/a-dialetica-da-sustentabilidade?srsItid=AfmBOorckZA9Ap89PEDFGYelkJS6rJtmh65yxQt5UyXxFCLBq6oZBUOv>